

DESCOBRINDO AS MENINAS BONITAS DOS LAÇOS DE FITA: UMA EXPERIÊNCIA DOCENTE

Luciane Soler Fontana*
Odair Luiz da Silva**

FONTANA, L. S.; SILVA, O. L. Descobrindo as meninas bonitas dos laços de fita: uma experiência docente. *Akrópolis*, 13(4): 177-182, 2005.

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo analisar a recepção da obra *Menina Bonita do Laço de Fita*, de Ana Maria Machado pelo público infantil não alfabetizado, compreendendo a série Educação Infantil III. Pretende-se verificar se a obra leva em conta os interesses da criança, liberando-a, portanto, rumo à formação de uma identidade e postura inquiridora e crítica.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infantil. Estética da recepção. Leitura. Ensino de literatura.

DISCOVERING THE “*MENINAS BONITAS DE LAÇO DE FITA (PRETTY GIRL WITH A RIBBON)*”: A TEACHER’S EXPERIENCE.

ABSTRACT: The purpose of this work is to analyze the reception of the work “*Menina Bonita do Laço de Fita*” by Ana Maria Machado, by the illiterate children, understanding the Children’s Education III grade. It intends to check if the work takes into consideration the children’s interests, leading them to an identity formation and a questioning and critical attitude.

KEY-WORDS: Children’s literature. Reception aesthetics. Reading. Literature teaching.

INTRODUÇÃO

Objetivamos, neste trabalho, analisar a recepção da obra *Menina Bonita do Laço de Fita*, de Ana Maria Machado pelo público infantil não alfabetizado, compreendendo a série Educação Infantil III. Pretendemos verificar, à luz da Estética da Recepção, se a obra leva em conta os interesses da criança, incentivando-a, portanto, rumo à formação de uma identidade e postura inquiridora e crítica.

Para isso, organizamos o texto em três partes: (I) um pequeno relato da origem da Estética da Recepção, para melhor compreendê-la no âmbito atual; (II) análise da obra com aferições sobre a participação do leitor e, enfim, (III) como os alunos receberam a obra, investigando se esta vem ou não a ser uma literatura que se preocupa com a emancipação da criança.

O texto e a Recepção

Zilberman (1987, p. 63), diz que a atribuição de um papel ao receptor no processo de valoração do texto artístico remonta a Aristóteles e à Poética. Estes avaliavam a eficácia da obra em vista do efeito alcançado.

Segundo esta autora é possível verificar que a valorização do leitor não se apresenta como algo novo, contemporâneo, mas como algo que se discute há muito tempo. No entanto, a entrada da Estética da Recepção no palco da teoria da literatura, é assinalada pela conferência

ministrada pelo teórico Hans Robert Jauss na Universidade de Constança, em 13 de abril de 1967. O autor pretendeu polemizar com as concepções vigentes da História da Literatura, investindo contra o ensino vigente e propondo novos caminhos. Jauss tinha por objetivo propor uma história da arte fundada em princípios que incluíam a perspectiva do sujeito produtor, a do consumidor e sua interação mútua.

Naquele momento, pode-se ver claramente que Jauss ao citar o leitor, já compreendia o texto como um ato comunicativo, compreendendo um elo de ligação entre os envolvidos.

A Estética da Recepção apresenta-se, portanto, como uma teoria que muda seu foco para o leitor, diferente do formalismo francês que tinha a afirmação de que o texto possuía autonomia absoluta, auto-suficiência, sobrepondo ao sujeito, que era entendido como passivo.

Como é visto, a Estética da Recepção questiona os sistemas fechados e fórmulas acabadas, tendo o texto como fim em si próprio. Esta teoria defende que o sujeito leitor vai acumulando conhecimentos com a leitura e compreendendo o texto de forma diferente ao longo do tempo, quer pela sua experiência, quer pelo contexto modificado.

É portanto, uma atitude hermenêutica e uma integração à história, porque relaciona o ser humano a sua época, determinando a apreensão dos fatos culturais e situando-o no tempo. Passa constantemente por uma evolução, mas supõe também uma tomada

* Especialista em Estudos da Linguagem e Estudos Literários – Universidade Paranaense - campus Paranavaí.

** Mestre em Lingüística e Língua Portuguesa – Universidade Estadual Paulista – Unesp – Araraquara (lzsilva@pop.com.br).

Este artigo foi desenvolvido no curso de Especialização em Estudos da Linguagem e Estudos Literários promovido pela Universidade Paranaense – Unipar – campus Paranavaí, sob a coordenação da Profa. Dra. Luciane Braz Perez Mincoff.

de posição por parte do sujeito, na medida em que o conhecimento terá como meta a ampliação deste horizonte, absorvendo a tradição do saber e visando à emancipação individual (ZILBERMAN, 1987, p.77).

A Estética da Recepção averigua, então, a evolução dos modos de recepção de uma obra ao longo do tempo, (a obra não podia mais se compreender, sob o teto do cânone seguro das obras primas), e como a compreensão desta mudou, em decorrência do nascimento de novos horizontes e expectativas, ou seja, novas linhas estéticas, novas maneiras de escrever visando novos leitores. Comprovando a vivacidade da obra, já que as leituras diferem a cada época.

A Estética da Recepção opõe-se com isso à *Fenomenologia* que desconsiderava o leitor como um fator básico do processo artístico; ao *New Criticism* que classificava o leitor como extrínseco da obra de arte literária; ao Historicismo que considerava improvável a possibilidade da obra do passado ser percebida dentro do horizonte contemporâneo por efeito da leitura, como se fosse impossível reconstruir o passado e compreendê-lo no momento atual. Também à *teoria crítica*, que tinha o leitor como uma construção que jamais violaria o texto.

Zilberman (1989, p. 33), diz que Jauss postulava que a natureza histórica da literatura se manifesta durante o processo de recepção e efeito de uma obra, isto é, quando esta se mostra apta à leitura. A relação dialógica entre o leitor e texto é o fator primordial da história da literatura.

A possibilidade de a obra se atualizar como resultado da leitura é a prova de sua vivacidade, mutação, e esta aponta para o indivíduo capaz de efetivá-la: o leitor, capaz de interpretá-la de formas alternadas em diferentes épocas, por meio do acúmulo das experiências pessoais.

Jauss tem suas teses comprometidas com a Hermenêutica e começa procurando examinar melhor as relações do texto com a época de seu aparecimento. Afinal, ele não se depara apenas com um código artístico consolidado, que contraria enquanto afirma sua identidade e originalidade. Ele responde as necessidades do público com o qual dialoga, sem o que sua presença não se justifica. Assim, a reconstituição do horizonte de expectativas diante do qual foi criada e recebida uma obra possibilita chegar às perguntas a que respondeu, o que significa descobrir como o leitor da época pode percebê-la e compreendê-la, recuperando o processo de comunicação que se instalou (ZILBERMAN, 1989, p. 36).

Com isso, Jauss mostra como as compreensões variam no tempo, e como o texto pode responder a novas questões ao longo dele. Já que a obra é considerada dentro do horizonte em que apareceu e recupera a comunicação da obra com o público.

No entanto, é perceptível que Jauss mede a recepção de um texto, consultando as próprias obras, desmerecendo o

leitor real e suas particularidades. E mesmo acreditando que cada leitor reage individualmente a um texto, postula que a recepção é um fato social. Jauss, lida assim com o saber virtual dos leitores.

Uma obra não perde seu poder de ação ao transpor o período em que apareceu, mas sua importância pode crescer ou diminuir no tempo (Zilberman, 1989, p.37).

Assim para o público, as obras de arte são simultâneas, percebendo-as como de sua atualidade e relacionando-as umas com as outras, a unidade de um horizonte, comum e gerador de significados, recordações e antecipações literárias.

Podemos observar que esta teoria considera o leitor como imprescindível e a obra como emancipadora, capaz de libertar o homem do senso comum e motivar diferentes sensações através da leitura. Porém com nos afirma Zilberman (1989, p.60), Jauss em seus estudos não se dirige aos leitores, preferindo ir ao texto na busca do diálogo propiciado pela obra, escamoteando o leitor, a não ser quando o leitor é ele mesmo. Evidenciando o intercâmbio da obra com o leitor a partir da lógica da pergunta e resposta embutida no texto, não no destinatário, desmerecendo as diversas interpretações que o texto venha a gerar, pois acredita que só se compreende um texto quando se compreende a pergunta de que ele foi à resposta, com isso a recepção individual é desmerecida.

Para tanto, muito já foi acrescido nesta teoria, logo, ainda se pode contribuir, valorizando o sujeito leitor como co-produtor do texto, no sentido de preencher as lacunas que o autor oferece, participando como um ser ativo, crítico diante da compreensão do texto. Buscando evidenciar a recepção no destinatário e não nas expectativas e horizontes que o texto evoca.

Narrador, leitor e personagem

Zilberman (1987, p. 84) afirma que uma Estética que dê importância e valor ao leitor não pode ignorar a literatura infantil, que se particulariza como gênero a partir do tipo especial de recebedor que possui. A literatura infantil está de toda associada ao leitor que é sua razão de ser, e não precisa disputar seu destinatário como as demais literaturas, pois tem seu público assegurado.

A literatura infantil aparece em meio a um contexto conturbado, onde o Teocentrismo cede lugar ao Antropocentrismo, século das Luzes. Originada com isso, não em motivos literários, mas como instrumento da Pedagogia, visando a moral e ao desenvolvimento de atitudes. Por ser então uma literatura formativa que copiava e imitava os comportamentos e valores burgueses, inspirava confiança a estes, levando-os a consumir para seus filhos estas obras que viriam a contribuir na formação, ajustando-os dentro de um padrão pré-estabelecido pelos pais e sociedade. E por tempo,

Método que visa a interpretação de textos.

o estatuto artístico, a capacidade estética, que o aproxima da arte foi-lhe negada.

Em algumas narrativas as crianças são afastadas dos problemas dos adultos, alienadas do processo de instrução, não contribuindo para a formação de uma herança cultural, ou seja, nestas as personagens crianças são passivas, acrílicas, como se as informações não lhes manifestassem interesse ou curiosidade. É importante destacar que o leitor se sentirá excluído da obra, pois, seu modelo, a criança personagem não possui espaço para manifestar-se, logo não sobra espaço para ele também. Pois o leitor identifica-se com a personagem buscando esclarecer as dificuldades encontradas na narração, interrogando e colocando-se no lugar a fim de tomar uma posição frente ao ocorrido. Atitude esta que contribuirá na formação de uma personalidade crítica no mundo real dos conflitos e impasses, já que pôde vivenciá-las através dos personagens, saberá conduzir estes momentos com justeza e determinação.

Em oposição a esta, existem narrativas em que a avaliação é permanente, os adultos fornecem muitas informações ao longo da história, mas as crianças personagem também possuem determinados conhecimentos que são confirmados ou reformulados em suas experiências, nestas as crianças possuem autonomia para guiar-se.

Estas obras permitem o diálogo entre leitor, obra e escritor, porque estimulam um conceito global de mundo, e valorizam o conhecimento infantil como degraus para este. Com isso, o leitor saberá identificar as atitudes que levam à prosperidade, para incentivar estas e reprimir as danosas, sabendo manejar suas opiniões, seu senso crítico. Não sendo preciso transmitir os exemplos de vida por meio de condutas mesquinhas e obsoletas. Pois o leitor tem a capacidade de adquirir com estas leituras, vivências e referências para organizar seus próprios valores.

É relevante o fato de que o produtor forneça em suas obras elementos indispensáveis a uma interpretação livre de ambigüidades, que não se limita a repetir coisas que nada somam aos conhecimentos das crianças leitoras. Pois, segundo Abramovich (1995, p.17), é através das histórias que se pode sentir e experimentar sensações diversas, como o medo, a tristeza... E viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve, descobrindo outros tempos, lugares, outros jeitos de ser e agir.

Ampliando assim o universo imaginário, fictício e suas referências quanto ao mundo, por meio de experiências vitais que ajudam a construir a identidade do EU e seu poder criativo.

Até neste momento podemos observar que foram oferecidas aos nossos “pequenos” obras que conservaram os atributos da arte, e obras de pequeno valor literário, que levam em conta o texto como pretexto para transmitir um conteúdo, um valor, uma norma.

O narrador não traduz de maneira absoluta toda realidade externa, por isso, surge uma série de pontos de indeterminações, que são preenchidos pela imaginação do leitor, que vão participando de acordo com suas experiências passadas e enriquecidas a cada leitura.

O narrador coeso com a literatura infantil manipula a obra, dando autonomia e credibilidade às personagens crianças. Sabendo quando é necessário interferir para

dar qualidade e quando é necessário que as crianças, quer personagem, quer leitor busquem por conta própria construir seus conhecimentos, para isso o autor deve contribuir com caminhos e pontes que facilitem este alcance, dando espaço e autonomia.

Cedendo espaço a interpretação do leitor, o discurso revela-se aberto à participação da criança, representada esta pelo herói ou pelo recebedor que o incorpora, quando estes são dignos de imitação. Assim, o leitor reconhece os acontecimentos identifica-se com eles, mantendo, porém sua autonomia, e criticidade diante deles.

Nestas narrativas, as personagens crianças não se apresentam como modelo adulto ao leitor, mas como protagonistas de um mundo guiado pela fantasia e imaginação. Que leva o leitor aos mais variados mundos, transitar pelo espaço e tempo. Percorrendo uma trajetória do desconhecimento ao saber, recompondo o passado e o futuro da personagem, almejando junto com estas vitórias e conquistas. Buscando assim, a construção de seu mundo pessoal, isento de interferência do adulto, quando esta representar dominação e autoridade.

A confiança na fantasia infantil é a arma da criança, de onde ela retira forças para enfrentar o mundo adulto, onde não habitam autoridade e a repressão, pois cabe a ela imaginar. Em consequência abre-se o relato às interpretações do leitor, que não se encerra no contorno do livro, mas vai para o confronto pessoal com a realidade, pois da obra retira subsídios, exemplos que possam ajudá-lo a entender o mundo circundante, não como um ser passivo que deve aceitar a tudo e a todos, mas como um ser histórico capaz de participar coerentemente de um mundo mais justo e solidário.

Através da fantasia, a criança constrói seu mundo, porque esta aciona o seu poder imaginário, que o faz enfrentar medos, anseios, dúvidas... A fantasia é também o cenário do herói, que busca nesta concretizar seus sonhos infantis e resolver seus dilemas pessoais ou sociais, comprovando sua participação no seu meio.

Portanto, cabe ao narrador configurar a literatura infantil dentro do horizonte de expectativas da criança. Mesmo sabendo que esta carece de uma perspectiva histórica e temporal, é possível unir o útil ao agradável, respeitando seus interesses e transmitindo informações necessárias para sua vivência.

Coutinho (2004, p. 200) diz que o fim da literatura é emocionar artisticamente a criança, pelo sublime, pelo patético, pelo cômico, pelo trágico..., ao mesmo tempo, despertar-lhe a imaginação, aperfeiçoar-lhe a inteligência, aprimorar-lhe a sensibilidade.

Entender a criança como um ser capaz de interpretar e compreender o que lhe é transmitido cabe a todo escritor infantil, pois ela tem capacidade de adquirir o que lhe é plausível, e descartar o que contraria com sua maneira de ser e de ver o mundo, interrogando o lugar que ocupa em seu meio social. A literatura deve ser capaz de emancipar o leitor das limitações e das imposições da vida diária, apresentando novas possibilidades e outros padrões interpretativos.

O autor deve, portanto, respeitar a criança enquanto uma entidade capaz de compreender aquilo que está ao seu alcance, de forma a sentir prazer, recreando-se diante da

obra. Respeitando sua habilidade lingüística, a criança irá alargar seu vocabulário, sem que este seja empregado como uma regra, uma norma a que devem se submeter.

Ana Maria Machado, no texto *Menina Bonita Do Laço de Fita*, consegue dar autonomia a seus personagens, de modo que o leitor se entrelaça neles vivenciando cada parte do enredo como se fosse sua realidade infantil.

Análise da obra *Menina Bonita Do Laço De Fita*

O texto literário infantil apresentado no livro *Menina Bonita Do Laço De Fita* de Ana Maria Machado, inicia-se pelas palavras encantadas, *Era uma vez*, dos contos de fadas, remetendo-nos a um mundo onde a imaginação toma conta da alma.

A autora inicia qualificando a personagem utilizando para tanto de figuras de linguagem, como as comparações: *os olhos da menina a duas azeitonas pretas... a pele como os pêlos da pantera negra, os cabelos enrolados como fiapos da noite*.

Utilizando destas características, o leitor criança é capaz de só pelo verbal imaginar a menina buscando exemplos da sua realidade. É interessante destacar que Ana Maria Machado ressalta a pantera em sua ilustração, por não ser algo do cotidiano da criança, como forma de aproximar da imaginação algo desconhecido para alguns leitores.

As qualificações da personagem criança não cessam por aí, a autora vai tecendo, conduzindo o leitor a se apaixonar pela beleza da menina, que de trancinhas feitas pela mãe, enfeitadas com laços de fitas, reportando a característica principal no título, é comparada a princesa das Terras da África ou a fada do reino do luar, reportando o leitor a mundos novos e desconhecidos.

Surge então, o segundo personagem, um coelho branco que Ana Maria faz questão de caracterizá-lo verbal e imagetivamente. Este coelho morava ao lado da casa da menina, e a achava a pessoa mais linda que já tinha visto, e pensava que quando casasse gostaria de ter uma filha pretinha como ela. É a primeira vez que Ana Maria através do pensamento do coelho faz alusão ao vocábulo “pretinha”, no entanto, o leitor através do verbal foi capaz de estruturar esta personagem, conforme nos é apresentada na ilustração, que é claro vem dar mais ênfase e sabor à literatura infantil.

Audaz, Ana Maria Machado, cria um enredo envolvente, onde o negro discriminado desde da catastrófica escravidão passa a ser valorizado, como um cidadão que pode e deve causar admiração, não mais preso a estereótipos. Esta inversão causada pela autora contribui na formação da personalidade, sem deixar de satisfazer a necessidade de ficção e fantasia. Pois, a autora utiliza-se de um texto narrativo ora direto, ora indireto, com descrição bastante poética, rico em figuras de linguagem: metáforas e comparações, além de rimas e repetições, capaz de prender a atenção do leitor alfabetizado e do leitor ouvinte, através da descontração da linguagem.

No decorrer do enredo, o coelho resolve ir até a menina para saber do segredo para ser tão pretinha. A autora transcreve esta pergunta de forma musicalizada, poética, convidando o leitor a participar deste enredo:

MENINA BONITA, DO LAÇO DE FITA, QUAL É TEU SEGREDO, PRA SER TÃO PRETINHA?

A obra *Menina Bonita do Laço de Fita* satisfaz o universo da ficção e fantasia, pois utiliza de dúvidas, da linguagem, do mundo infantil para comunicar-se diretamente com as crianças, levando-os a participar ativamente da ação narrativa. Contribui na formação da personalidade, ou seja, a criança sente-se capaz de se auto - valorizar e valorizar os outros de forma saudável. Colabora no conhecimento do mundo e do ser, porque amplia seu horizonte em busca de uma identidade solidária, através de informações necessárias a convivência humana. Temos então uma literatura emancipadora, pois a personagem menina, age como criança, pensa como criança e responde com toda imaginação criadora e ingênua de uma criança. Dizendo ao coelho ter caído na tinta preta quando era pequenina.

Neste momento é possível perceber como à menina esta feliz consigo mesma, não demonstrando desconforto com sua cor, pelo contrário, deixa aparentar ares de felicidade por ser “cobiçada” pelo coelho. Que mesmo animal, possui atitudes de uma criança curiosa, ingênua, capaz de lutar pelos seus desejos. Pois, resolve procurar rapidamente uma lata de tinta preta e fica pretinho como a menina. Mas a alegria aos poucos se encerra, pois vem a chuva e deixa-o branco novamente. Como uma criança cheia de esperança, persistente, volta a casa da menina e com os mesmos versos reforça a pergunta.

Neste momento, o leitor passa a observar seu meio, de forma diferente de até então, pois percebe que somos seres que possuímos características próprias, e vai se afeiçoando pela ingenuidade da menina e a persistência do coelho.

A menina, gostando da situação, “ludibria” facilmente o coelho, como duas crianças descobrindo o mundo. O coelho, passivamente, prova todas as respostas como mandamentos a serem seguidos: enche-se de café, mas só o que consegue é passar a noite fazendo xixi; empanturra-se de jabuticaba e o máximo que consegue é fazer *cocozinho* preto e redondo.

Pela quarta vez, volta à casa da menina e pergunta novamente. A menina sem saber a resposta, vai inventando outra história, quando a mãe, uma linda mulata, resolve ajudá-lo, dizendo ser artes de uma avó preta que ela tinha... Então o coelho que era bobinho, mas nem tanto, vai até a sua casa e percebe em seus retratos compreendendo rapidamente porque era branco, porque sua família era assim. Para poder ter uma filha pretinha deveria casar com uma coelha preta.

Esclarecida a situação, o coelho procura e acha rapidamente uma coelha preta, que também o achava uma graça. Casaram e desandaram a ter filhotes de vários tipos, inclusive uma coelhinha preta linda que costumava usar um laço de fita no pescoço como sua madrinha, a menina. Quando alguém perguntava o segredo de ser tão pretinha, ela respondia o que sabia, conselhos da mãe de minha madrinha...

É possível notar na narrativa, que a autora escolhe um coelho para atuar com a menina, já que tem seu ciclo de vida mais curto. Se utilizasse uma criança não poderia

demonstrar com rapidez, como fez com o coelho o ciclo de vida: criança-jovem-adulto. Outra coisa a destacar, são as ilustrações, pois toda vez que a personagem aparece está se expressando artisticamente, quer pela dança, pelo desenho, pela leitura, deixando claro que se trata de uma criança dinâmica e criativa. Por nenhum momento impera a ótica do adulto que participa do texto somente para mediar e esclarecer os porquês dos quais nós adultos somos bombardeados.

Esta narrativa de linguagem simples, clara e objetiva consegue falar diretamente com o leitor ouvinte criança. Desde do título *MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA*, Ana Maria procura dialogar com a criança negra que muitas vezes é discriminada e não se aceita, como também dialoga com as outras, envolvendo-as de tal forma, que elas compreendem as diferenças que cada ser possui e partilham do respeito mútuo, pois cada ser é especial indiferente da cor, credo, religião...com isso, a autora fortalece a auto-estima e a valorização da pessoa humana. Sem utilizar uma linguagem doutrinária, punições, pelo contrário mostra o mundo pelo os olhos de duas crianças que pouco a pouco compreendem um pouquinho de sua história.

A obra toda está configurada em episódios estáticos, onde as personagens inclusive a menina é descrita, e de episódios dinâmicos, por onde se dá a ação.

Neste livro, Ana Maria deixa lacunas para que o leitor exerça a sua ação pessoal, no fazer interpretativo, em que se cria o significado, porque ao ler, descobre-se à parte não formulada do texto. Assim, a criança leitora, conseguirá transpor sua ação fictícia à realidade, sempre que necessário, não sendo preciso, ensinar através de regras de conduta adultas, que desrespeitam o momento infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta história, *Menina Bonita do Laço de Fita*, foi escolhida para ser contada em momento de leitura e descontração, na sala de pré-escola em que atuo. Não visando nenhuma cobrança para a leitura, nem o texto como pretexto para ensinar conteúdos, regras e outros.

Enquanto ouviam, as crianças pareciam se pôr no lugar dos personagens, vivenciando junto deles as ações narradas. Participaram ativamente na fala do coelho que aparece várias vezes no texto: *Menina bonita do laço... alegremente. Atentos, viajaram através da imaginação para o mundo dos personagens, demonstrando através dos olhares, que presenciavam tudo mais de perto.*

Sempre procuro proporcionar um momento de conversa sobre a narrativa contada, que surpreendeu-me, quando da boca das crianças deliciosos comentários foram desprendendo:

ALUNO A: “Olha! A *Mariazinha*² parece a Menina bonita da história”.

ALUNO B: “Eu queria ser o coelho, aí ele não ia fazer todas essas coisas pra ficar preto, porque eu ia saber que não dá certo”.

ALUNO C: “Será que o coelho ia se enchê de feijoada também?”.

ALUNO D: “Nossa, prô, quantos filhotes tem os coelhos”.

ALUNO E: “Conta de novo”.

Foi possível por estes e outros comentários concluir que as crianças são capazes de participar da obra de forma ativa e crítica, indo além das palavras, concordando e discordando de tudo que está contra seu conhecimento e seu poder criativo de resolver os impasses dos personagens.

Viver este momento já deixou marcas, porém o mais gratificante ainda estava por vir, pois o relacionamento conturbado que uma aluna (a mesma caracterizada como parecida com a menina da história) enfrentava por ser negra, diminuiu gradativamente até extinguir-se. Passaram a vê-la com olhos de igualdade, compreendendo que a cor não a tornava diferente. Fiquei surpresa, tendo claro que não é preciso transmitir aos pequenos valores, por meio de regras de condutas chatas e cansativas. As próprias crianças formulam seus valores e enriquecem seus conhecimentos, descartando o que não faz bem.

Episódio este que motivou a execução deste artigo. Motivou também a contação da mesma história em outras salas de pré, para que fossem fortalecidas as verificações. Novos e inteligentes comentários apareceram:

ALUNO F: “O coelho precisa saber que ele também é bonito”.

ALUNO G: “É, ele não precisa ser negro pra ser bonito, todo mundo é bonito”.

ALUNO H: “Deus gosta de nós o mesmo tanto”.

ALUNO I: “Que história bonita, eu queria ser a menina bonita dela”.

Ana Maria Machado manejou um tema polêmico de maneira descontraída. As crianças inseriram-se neste mundo fantasioso, fictício e envolvente, compreendendo o que a autora deixou nas entrelinhas: a valorização da pessoa humana e o respeito mútuo.

Bons textos como este, sempre deixarão uma mensagem, através do jogo das palavras e da imaginação, despertando emoções e opiniões diversas. Emancipando a criança por caminhos atrativos e belos, inteirando-se assim das verdades de modo bonito, poético, crítico, irônico e envolvente.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. *Literatura Infantil*. 5ed. São Paulo: Scipione, 1995.

COUTINHO, A. A *Literatura no Brasil*. 7ed. São Paulo: Global, 2004.

MACHADO, A. M. *Menina Bonita do laço de fita*. 7ed. São Paulo: Ática, 1997.

PALO, M. J.; OLIVEIRA, M. R. de. *Literatura Infantil: Voz de criança*. 3ed. São Paulo: Ática, 2001.

ZILBERMAN, R. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

²Nome fictício dado à garota que sofria discriminação na sala de aula.

ZILBERMAN, R.; MAGALHÃES, L.C. **Literatura Infantil:** Autoritarismo e Emancipação. 3ed. São Paulo: Ática, 1987.

FERREIRA, A. B. de Holanda. **Mini Aurélio: Século XXI.** 4ed. Rio de Janeiro: editora Nova Fronteira.

Recebido em: 16/Maio/2005

Aceito em: 15/Julho/2005